



3º Domingo na Quaresma (27/02/2005)

Primeira leitura (Antigo Testamento): Êxodo 17.1-7

A escolha dessa perícopes está intimamente ligada ao Evangelho de hoje. O episódio em Êxodo situa-se no contexto das murmurações do povo durante a caminhada no deserto e é localizado em Rafidim, última etapa antes do Sinai (porém, o texto paralelo em Números, situa o episódio em Cades). De fato, não é fácil caminhar pelo deserto ou viver a experiência existencial do deserto na vida cotidiana. Muitas vezes nos cansamos e somos tentados a desistir em nosso processo de crescimento espiritual, tal como o povo que murmurava e sentia saudades da escravidão. Alegra-nos, porém, saber que, mesmo no deserto, Deus não nos desampara: a fonte da água da vida está sempre disponível. Devemos nos recordar que sempre que a água é um grande símbolo do nosso batismo. No batismo somos selados e acolhidos por Deus como seus filhos e filhas. O texto termina com uma pergunta que exige de cada um de nós uma resposta de fé: "Está Iahweh no meio de nós, ou não? (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)

Epístola: Romanos 5.1-11

Qual é o efeito de ter sido Jesus entregue à morte e ressuscitado (4.25) para a Igreja e para a humanidade? A consequência da ação divina de considerar e tornar as pessoas justas diante Dele é a paz, o seu mistério, a paz que excede todo o entendimento, (Fp 4.7). Isso equivale a dizer que Deus não nos considera seus inimigos e Ele ama seus inimigos. E a inimizade foi vencida por parte de Deus. Por isso, o temor foi dissipado e podemos nos aproximar Dele confiantes, sem medo algum e com regozijo. Isso é indicado pela doação de Cristo enquanto éramos fracos, ímpios e pecadores (Vs. 6, 7, 8). Ímpios ou irreligiosos e pecadores já vimos na leitura do domingo anterior. Fracos signifiquem, talvez, incapazes de ajudar a nós mesmos. Na verdade, a Bíblia nos diz que Deus ajuda aquele que não pode ajudar a si mesmo e contradiz o adágio popular: Deus ajuda aquele que ajuda a si mesmo.

Uma outra dimensão da paz é o acesso ou o "aproximar-se de...". Essa palavra tem conotação litúrgica. É característico de quem está no relacionamento e ambiente de paz com Deus dar graças pela reconciliação. Isso é gloriar-se em Deus, em contraste com o verso 3.27: mostrar diante de Deus o cumprimento da lei com medo, por causa do relacionamento de inimizade, e de troca. Isso nos lembra da estória de Lucas 18 e 15, onde o filho mais velho que ficou cuidando da casa como se fosse escravo e não entendeu o regozijo do pai porque aquele estava perdido foi achado (Lucas 15).



Como a comunidade reconciliada, ela se regozija nas tribulações, (mais sobejamente tratado no cap. 8). Aqui as tribulações são sinais do fim desta era dentro do esquema de pensamento judaico daqueles dias. Para o apóstolo as tribulações foram vencidas na Cruz. É isso que é a base da exultação. Sob essa perspectiva as tribulações contribuem para que tenhamos perseverança aprovada. Essa perseverança não é simplesmente suportar as tribulações, mas a capacidade de ver o sentido do sofrimento para além do mesmo. Antecipamos e esperamos a salvação, e seremos salvos, (vs. 10 - o tempo verbal é futuro).

A certeza disso está no derramamento do amor, do Espírito no centro da vida humana (vs. 5) A metáfora é o derramamento da água e faz par com João 4 (vs. 14) e Êxodo 17. (Dom Sumio Takatsu)

Santo Evangelho: João 4.5-26 (27-38) 39-42

A samaritana foi a primeira pessoa escolhida por Jesus a evangelizar o seu povo. É curioso isso. Foram as mulheres que ficaram ao lado de Jesus na cruz, acompanhando sua morte, enquanto a maioria dos discípulos fugiu. Foram elas as primeiras testemunhas da ressurreição de Cristo. Foram elas que contaram da ressurreição aos discípulos. E aqui no texto, foi a uma mulher que Jesus confiou o trabalho de anunciar a boa nova aos samaritanos. Desse modo, ela ajudou a transformar a vida dos seus compatriotas.

Há alguns aspectos interessantes nesse episódio, que dizem respeito à natureza da mensagem que Jesus confiou à samaritana. Primeiramente, ele se aproxima dela com um pedido. Pede água. Ao pedir água à mulher, Jesus lhe pede uma demonstração da solidariedade ao nível humano mais fundamental. Dar água é sinal de acolhimento, solidariedade e hospitalidade. Além disso, ao fazer o pedido, Jesus elimina a superioridade proverbial dos judeus com referência aos samaritanos e dos homens em relação às mulheres. Coloca-se como necessitado. Ele que é o Senhor da vida, apresenta-se simplesmente como um homem necessitado. Diante do espanto da mulher com atitude tão ousada de Cristo, Jesus responde com uma frase enigmática. Fala-lhe do dom de Deus, de água viva: "*Se você soubesse quem é que está lhe pedindo água... você lhe pediria e ele lhe daria água viva*". Tal como Nicodemos (texto do evangelho do domingo passado), a mulher responde com a mesma estranheza ao ouvir falar do novo nascimento. Ambos não compreendem o poder da metáfora. Em ambos os casos trata-se da impossibilidade de compreender a água como símbolo do Espírito. Tal como Nicodemos que via o novo nascimento como algo inconcebível, a mulher também não conhecia outra água senão a daquele poço. Sua resposta cheia de ceticismo também é semelhante à de Nicodemos: "és tu maior do que nosso pai Jacó, que nos deu esse poço, onde ele, seus filhos e seu gado beberam?"

Jesus responde: "*Quem beber da água desse poço voltará a ter sede, mas quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, porque essa será como uma fonte a jorrar infinitamente*". A resposta de Jesus indicando um ato único de beber de sua água, corresponde à idéia do novo nascimento. Só uma água perene pode tirar a sede do homem. Esta é a que Jesus promete. Trata-se do Espírito que se



torna um princípio interior (e não exterior como o poço), personalizado e não algo absolutizado e despersonalizado como a lei.

Curiosamente, a mulher logo começou a perguntar sobre a adoração, a vida espiritual. Sobre o lugar correto para o culto. Se no monte Garizim ou em Jerusalém. Ela parece ter percebido algo muito importante a partir daquela conversa: que o poço de Jacó era símbolo de uma religião externa, ritual e sem vida, incapaz de saciar a sede espiritual. E Jesus reforça essa intuição ao dizer: chegará o tempo em que as pessoas compreenderão que a relação com Deus não depende do local. Não é em Jerusalém nem nesse monte, mas o referencial é que seja em Espírito e verdade. *"Deus é Espírito e por isso seus adoradores devem cultuá-lo em Espírito e verdade"*.

O lugar de encontro com Deus não é geográfico. Aqui em nosso texto, a mulher encontra Deus na pessoa do Cristo peregrino que lhe pede água. Ao estabelecer o diálogo com o sedento, a mulher passa a descobrir que Deus pode ser encontrado na simplicidade da vida, nos atos de amor e acolhida e no mistério da solidariedade. O que Cristo fez foi desafiá-la a viver a experiência da partilha e da solidariedade, e isso não se encontra simplesmente em formas de culto. Daí a diferença entre a água do poço e a fonte interior. Quem só bebe das águas dos poços religiosos externos sempre volta a ela. Mas a água que flui de dentro mata perpetuamente a sede. Quem busca a Deus no plano externo apenas - na religião, nas formas diferentes de culto, poderá até mesmo encontrar algo que lhe sacie temporariamente. Mas sempre acabará voltando ao poço. E exigindo mais. Isso é comum tanto nas religiões tradicionais e sacramentais como nos cultos de estilo carismático e pentecostal. No primeiro caso, a sede se manifesta na busca constante por novas práticas sacramentais. Já no estilo carismático, a busca é sempre emocional.

Em nossos dias as pessoas sempre inventam modalidades novas de buscar a Deus ou experimentar sua presença: fenômenos carismáticos de diferentes matizes, dentes de ouro, tombo no Espírito, arrebatamentos, gargalhadas, exorcismos questionáveis, etc... E sempre voltam às mesmas coisas ou inventam coisas novas. Por quê? Porque o poço está errado. Buscam no poço de Jacó. E esse poço só sacia temporariamente a sede. Mas na semana seguinte retornam buscando algo novo. E isso se transforma num círculo vicioso. Quando passa uma fase, logo inventam outra. E por isso sempre os ouvimos dizer que suas igrejas estão passando por um reavivamento. A necessidade de constantes reavivamentos é contraditória. Parece que o último de nada resolveu. O reavivamento do ano passado não foi suficiente. Não matou a sede. Estão sempre voltando ao poço.

Será que é tão difícil compreendermos que, mediante a encarnação de Cristo, o "local" do encontro com Deus passou a ser o próximo, o necessitado? E que esse encontro sempre enriquece nossa vida espiritual? Já não precisamos inventar artifícios carismáticos para encontrarmos a Cristo. A busca está em outro nível. A polêmica em relação ao local geográfico do "verdadeiro" culto é superada por uma nova concepção: o que importa é a disposição espiritual de abrir-se aos pobres. Foi isso o que aquela mulher descobriu e passou à frente. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).